

IGREJA E FORMAÇÃO POLÍTICA: O OESTE POTIGUAR ENTRE DISCURSOS E AÇÕES, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE (1970 A 1990)

Autora: Patrícia de Oliveira DIAS - UFRN
Co-Autor: Saul Estevam FERNANDES** - UFRN*

RESUMO

O presente trabalho apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa em andamento sobre a memória dos grupos sociais do oeste potiguar, que participaram do processo de formação política, resistindo ou se identificando com o discurso e as ações de Pe. Pedro Neefs – holandês que veio para o Brasil na década de 1950, ficando até os dias atuais. As reflexões estão baseadas no trabalho de história oral, além do documentário intitulado “Pedro, a rocha do Oeste”. Desse modo, será buscado entender, a partir da percepção de cada grupo, dois processos antagônicos: resistência e identidade. Assim, o presente trabalho busca analisar qual a importância do discurso e das ações de Pe. Pedro Neefs para os grupos sociais no médio oeste potiguar entre as décadas de 1970 e 1990. Não sendo dispensadas as atitudes de rejeição aos ideais libertários. Partindo no pressuposto que cada lugar social permite e interdita ao mesmo tempo este ou aquele discurso, esta ou aquela ideia-força, buscamos entender o sentimento de resistência de grande parte dos proprietários rurais e o sentimento de identidade pelos grupos oprimidos.

Palavras-chave: Pe. Pedro Neefs, Formação Política, Resistência, Identidade.

INTRODUÇÃO

“Como eu não pertencia a nenhum partido político fiquei mais livre para o ideal da minha vida de mudar e transformar a vida e a cabeça do povo que botava a culpa em Deus sem assumir o atraso e a pobreza reinante. Quis ensinar que devemos ter nosso futuro em nossa mão”.
(Padre Pedro Neefs)

“Hoje toda a minha capacitação, toda a minha formação, quem eu sou hoje é graças a Pe. Pedro”.
(Zuleide Araújo, Presidente do Núcleo Sertão Verde)

“O padre é comunista”.
(Pichação feita em diversos pontos da região)

Um espectro entre as décadas de 1970 e 1990 rondou o oeste potiguar: era o espectro de novas concepções voltadas aos ideais libertários e igualitários de uma nova teologia. Os fazendeiros, políticos e católicos mais conservadores se juntaram em uma santa campanha difamatória contra essa tentativa de mudança¹. Porém, tiveram grupos, - jovens, trabalhadores rurais, dentre outros oprimidos -, que se uniram a um Padre, de

* Graduanda em História pela UFRN (pattideoliveira_rn@hotmail.com).

** Graduando em História pela UFRN (estevamcg@hotmail.com).

¹ Alusão ao começo do Manifesto do Partido Comunista (MARX e ENGELS, 1998)

origem holandesa, para que a construção de uma comunidade menos desigual fosse posta em prática.

Dada a importância desse momento de apoio e rejeição pela sociedade do oeste potiguar. É elementar que possamos entender esse período de combate entre a manutenção das estruturas sociais e o seu remodelamento. Tentaremos a partir da memória (re)construir o percurso realizado na mudança do imaginário popular sobre questões ligadas a cidadania e aos direitos inerentes a cada um. Buscaremos mostrar não só o que o padre dizia, mas como e o que a sociedade campo-grandense entendia nessas idéias.

Trabalharemos com os elementos de memória de cada grupo, podendo conceituar essas memórias como algo vivo, pertencente a grupos vivos, possível de ser esquecida, porém podendo sempre ser lembrada, desde que se tenha necessidade disso. Para cada grupo existente, existirá uma memória, um coletivo de pensamentos e lembranças do passado, dado, a esses grupos e aos que integram um sentimento comum de existência, o sentido de serem membros de uma mesma comunidade. (ABREU, 1996)

A importância do uso das memórias dar-se-á pelas múltiplas possibilidades que a história oral nos possibilita. A memória é história viva e vivida e permanece no tempo, renovando-se. A história viva é, assim, o lugar de permanência e nela o desaparecimento das criações grupais é apenas uma aparência. A memória é a possibilidade de recolocações das situações escondidas que residem na sociedade profunda. Assim, os indivíduos desaparecem, mas não desaparece a possibilidade de reconstrução da memória, pois ela tem o grupo como suporte. (D'ALÉSIO, 1993)

A vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo, o trabalho adquirem novo estatuto ao serem socializados. Transformam-se em documentos apresentando um retrato das realidades, que passa a disputar a hegemonia do imaginário social com outras versões/representações construídas de outros lugares e por outros interlocutores. (MONTENEGRO, 2007)

Mesmo diante de importância na mudança das estruturas sociais, o único estudo que trata da figura de padre Pedro e do movimento político ocorrido do oeste potiguar é um documentário feito em junho de 2007, pela Academia Apodiense de Letras (AAPOL), no projeto cultural “Memória Viva”. No documentário foi contada toda a trajetória de vida do holandês, que para os anunciantes do lançamento é um dos maiores ícones do desenvolvimento regional. O vídeo, que leva o nome de “Pedro, a Rocha do Oeste”, foi

produzido e dirigido pelo radialista Jotta Paiva, contando com depoimentos de padre Pedro e de alguns apoiadores nesse processo de formação política.

No entanto, o presente trabalho não tem como intuito colocar pontos biográficos que estejam longe do processo de formação política. Nem serão buscadas somente questões ligadas ao processo de apoio, mas também de resistência. Buscaremos analisar, a partir da memória, a percepção do discurso e das ações de Padre Pedro Neefs sob a ótica dos grupos sociais do médio oeste potiguar durante as décadas de 1970 e 1980. A partir de entrevistas com aqueles que se identificaram e resistiram a esse discurso, o presente trabalho tentará responder quais os medos e esperanças do grupo que se identificou e daquele que resistiu.

Já que não existe uma bibliografia específica ao trabalho realizado por Padre Pedro, utilizaremos de trabalho que falem do tema de formação política, teologia da libertação, Movimento dos Sem Terras e do trabalho feito pelos padres com as idéias de libertação. Utilizaremos principalmente as Obras de: BOFF, 1980; GERMANO, 1982, ANDRADE (org.), 2000. Porém, mesmo tratando de casos e sujeitos sociais diferentes, traremos todos os conceitos e teorias para dentro da sociedade do oeste potiguar. Sabendo respeitar as diferenças existentes entre cada pesquisa e o trabalho feito pelo pároco na região.

Inicialmente o trabalho se deterá apenas ao vídeo já citado, com a coleta da fala e da visão de Maria Zuleide Araújo², de Caramuru Paiva³, de Francisco Valdevino⁴ e do Próprio Padre Pedro Neefs. Porém, como o trabalho está em processo de formação, será posto, posteriormente, a fala de outras pessoas que foram importantes nesse processo, principalmente daqueles que resistiram. Já que não serão desprezados aqueles que rejeitaram as ações e os discursos do pároco, daremos voz a esses sujeitos, até então nunca ouvidos e entendidos.

Portanto, o presente trabalho busca analisar, a partir da memória, a percepção do discurso e das ações de Padre Pedro Neefs sob a ótica dos grupos sociais do médio

² Maria Zuleide Araújo, conhecida como Leleida, teve grande importância no processo de formação política feita por Pe. Pedro, sendo uma das lideranças do grupo de jovens de Campo Grande da época. Capacitada pelo trabalho de formação política é a atual presidente do Núcleo Sertão Verde, entidade voltada ao apoio da Agricultura Familiar de Campo Grande.

³ Atual Presidente do Projeto Dom Hélder Câmara. O Projeto é uma instituição que desenvolve ações estruturantes para fortalecer a Reforma Agrária e a Agricultura Familiar no semi-árido nordestino.

⁴ Atual presidente da Fundação para o Desenvolvimento do Vale do Apodi (FUNDEVAP). Essa instituição foi fundada por Padre Pedro, sendo ela importante para superar adversidades do Vale do Apodi. Após sua criação estruturou-se uma área de produção agrícola que exportaria mais tarde legumes e frutas para os mercados nacional e internacional.

oeste potiguar durante as décadas de 1970 e 1980 a partir de entrevistas com aqueles que se identificaram e resistiram a esse discurso.

O COMEÇO DA PREOCUPAÇÃO NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA

Na década de 1960, apareceu em todo o território brasileiro uma série de movimentos e campanhas que propunham desenvolver projetos de educação. O trabalho de alfabetização tinha por intuito diminuir as contradições entre as classes sociais. A educação assumiu, então, uma caráter instrumental e se propunha a expressar os interesses populares, na medida que procurava desvendar o quadro de “injustiça social” no qual estavam inseridos, fornecendo, assim, elementos que pudessem contribuir para a transformação da situação. (GERMANO, 1982)

Foi a partir dessa época que aconteceu uma crescente participação dos setores populares na vida política do país, não estando essas reivindicações somente restritas a trabalhadores urbanos, mas também aos trabalhadores rurais. Entre os anos de 1960 a 1990 existiu uma intensa politização e organização política das massas camponesas, principalmente no Nordeste.

A criação da 1ª Liga Camponesa no Engenho Galiléia, no Estado de Pernambuco, foi uma série de outros acontecimentos que fizeram com que o Nordeste brasileiro vivesse um processo de intensa luta de classes. Essa mudança foi provocada pela organização e politização dos trabalhadores rurais, que buscavam a reforma agrária.

O trabalho de formação de um imaginário onde a justiça prevalecia, não era buscado exclusivamente pela educação alfabetizadora, ele era composto, em sua maioria, por uma educação cidadã. Nessa formação política era ensinado que todos tinham o poder de buscar aquilo que era de direito a todos: a dignidade da pessoa humana. Por trás desse processo de mudança de imaginário estava o trabalho feito, em grande parte, por religioso que se opunham a visão conservadora da Igreja Católica.

Assim, o Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) teve sua origem vinculada a ações de setores da Igreja Católica, com o apoio daqueles que

defendiam a Teologia da Libertação. O movimento teológico esteve, por sua vez, sempre muito próximo das análises socialistas, utilizando, quase sempre, o referencial marxista.

A Teologia da Libertação representa a primeira grande corrente teológica nascida na periferia dos centros metropolitanos da cultura e da produção teológica com repercussão ao nível de toda a Igreja. Ao longo do tempo ela ganhou força como marco referencial e de reflexão para todos os grupos que se consideravam oprimidos. O compromisso com a libertação dos oprimidos propiciou privilegiar pontos da fé e da tradição que mais apontavam para a temática libertadora. (BOFF, 1980)

Nas décadas de 1970 e 1980, nos municípios de Apodi, Campo Grande (na época denominada Augusto Severo), Triunfo (na época pertencente ao município de Augusto Severo), Upanema, Paraú e Janduis, após a chegada de um Padre, de origem holandesa, é que a disseminação dessas idéias passa a ser feita. O trabalho de formação política tinha como ponto principal o não conformismo das situações que eram impostas pela elite, em sua maioria proprietários de grandes extensões de terras e políticos da região.

PADRE PEDRO NEEFS: ENTRE A REJEIÇÃO E O APOIO

Peter Marinus Maria Neefs nasceu em 1929, na cidade de Breda, Holanda, na época em que o mundo sofria o grande declínio econômico ocasionado pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque. Dez anos mais tarde, em 1939, o mundo passava por outro grande impacto, consequência da eclosão da 2ª Guerra Mundial. No começo do conflito, ele e sua família, tiveram que sair da Holanda até a França, já que sua cidade tinha sido ocupada como base militar. Depois de voltar à Holanda, em 1940, foi enviado ao Seminário Menor, onde começou os estudos teológicos.

Convidado por um grupo de padres do Sagrado Coração de Jesus, chegou ao Brasil, em 1952, para concluir o seminário Maior. No Brasil traduziu o nome para o português e manteve seu sobrenome, assim se transformou em Pedro Neefs. No ano de 1957, retornou a Holanda para ser ordenado Padre e celebrar sua primeira Missa. Dois anos mais tarde foi enviado a cidade de Beberibe – CE para realizar o trabalho de pároco. No entanto, suas idéias não foram aceitas, sendo “expulso” da paróquia pelos superiores.

Em 1964, foi transferido para Apodi - RN. Na diocese de Mossoró padre Pedro encontrou apoio. Segundo ele na realidade era uma diocese com padres muito avançados.

Porém, diante do trabalho de repressão e das diferenças de pensamento na própria igreja, padre Pedro disse que nessa época descobriu na diocese de Mossoró “que existia uma Igreja Oficial e uma Igreja do povo”. No ano em que chegou a Apodi, foi testemunha de uma grande enchente que assolou a região. O pároco ajudou no trabalho de auxílio às vítimas. Com o tempo conheceu a realidade do município, que em sua maioria se encontrava em estado de pobreza. Para ele “vendo uma terra fértil com gente pobre em cima de uma riqueza” foi o momento em que começou a organizar meios de mudanças.

Nesse período, estava sendo inaugurada a Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN). Que teve João Batista Cascudo Rodrigues como primeiro reitor da instituição. Com o intuito de “conscientizar” a população da região, foram criados três pólos pela região oeste potiguar. Ficando as cidades de Assú, Pau dos Ferros e Apodi como cidades sedes desse trabalho.

Assim, com a ajuda do Departamento de Ação Social da FURRN foi criada, na sede do município, a Fundação para o Desenvolvimento do Vale do Apodi (FUNDEVAP), tendo o religioso como primeiro presidente. Após a criação da fundação é que se começa a superar adversidades do Vale do Apodi, criou-se uma área de produção agrícola que exportaria mais tarde legumes e frutas para os mercados de Natal, Fortaleza e até para a Europa.

Diante de um boato que seria candidato a prefeito na cidade, fruto do apoio popular e do trabalho desempenhado pelo padre, ele foi afastado pela diocese de Mossoró dos trabalhos como pároco da Paróquia de São João.

Em entrevista concedida em julho de 2007, ao site CGnews, padre Pedro disse que não saiu, foi retirado e que o boato não tinha nenhuma fundamentação, não sendo sua a candidatura sua vontade, já que tinha a nacionalidade holandesa. Não podendo votar, nem ser votado. O religioso ainda afirmou que:

“(…) naquele momento foi bom não ter essa nacionalidade brasileira. Como eu não pertencia a nenhum partido político fiquei mais livre para o ideal da minha vida de mudar e transformar a vida e a cabeça do povo que botava a culpa em Deus sem assumir o atraso e a pobreza reinante. Quis ensinar que devemos ter nosso futuro em nossa mão”. (Pe. Pedro)

Para o atual presidente da FUNDEVAP a saída do pároco da paróquia de São João prejudicou o desenvolvimento de Apodi e região.

(...) Nós costumamos dizer que Apodi estava 40 anos a frente com suas idéias. Padre Pedro vai desenvolver escolas, vai apoiar a juventude e a irrigação. Então sua idéias vai trazer para Apodi um surto de desenvolvimento (...). (Francisco Valdevino)

Depois de Apodi, o religioso ainda trabalhou na diocese de Mossoró, sendo mandado várias vezes ao Vaticano em trabalho oficial da Igreja. Em 1979 voltou ao Rio Grande do Norte, dessa vez para atuar na cidade de Augusto Severo, hoje Campo Grande.

Nessa cidade sua trajetória de formação política conquistou na época seu ápice. O trabalho desenvolvido em toda Paróquia foi o de defender os mais necessitados, principalmente, na luta pela reforma agrária, que ganhou força após a disseminação de suas idéias, já que não existia até então:

(...) na cidade, na época que eu cheguei aqui em 73 não tinha nada, a gente participava da igreja, mas era o que? Era missa, catequese (...) Tinha a festa de Santana que era tradicional, tinha o leilão. Não tinha na parte religiosa nenhuma atividade social, quero dizer política, de formação e nem na sociedade tinha. Nas escolas tinha teatros, os grupos de cânticos, mas não era pra o lado político, de formação político, de consciência, de cidadania, de cidadão. Não estou falando de política partidária, né? Porque também Pe. Pedro contribuiu pra isso. Mas, então antes de Pe. Pedro chegar não existia nada disso, de movimentos, de nada. Então vamos dizer, papai era o presidente do sindicato, mas não tinha nada disso, era sozinho, nenhum apoio. Mas não tinha também o sindicato não tinha nenhuma concepção de classe, de discussão, de formação também não existia (...). (Zuleide Araújo)

A população de campo grande nessa época se constituía, em sua grande maioria, de indivíduos que tinham suas fontes de rendas vinculadas ao campo. Assim, com as secas que assolam, de tempo em tempo, a região nordestina brasileira era aumentado mais ainda os problemas sociais. Dessa forma a pobreza se fazia constante e crescente.

Ao chegar à cidade o pároco se aproxima do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que prestava acessória a toda a população ligada ao campo. O holandês ainda se vinculou aos jovens, onde o trabalho de formação política foi vital na busca do seu ideal. A fala a seguir explicita o momento e a importância do contato com os jovens:

(...) Quando ele chegou em 79, em agosto de 79, então ele começou diferente, então em 70 (parece querer se situar no tempo mentalmente), em 80, na semana santa de 80, 80 jovens de campo grande fundou o grupo de jovens, que foi o primeiro grupo de jovens de campo grande. (...) Então eram 80 jovens que na semana santa, sempre vinha uns seminaristas apoiar. Quando terminou a semana santa a gente tava com um grupo de jovens com 80 participando. Vários entrando e saindo, mas tinha uma média, que a gente se reunião todos os sábados, com uma media de 40, 30. (...) com a chegada, depois de Pe. Pedro, pra mim o despertar dessa questão, de consciência, de movimento, de juntar classe,

de lutar por direito é tudo depois da chegada de Pe. Pedro já que ele deu uma grande influência. Com a chegada dele vai mudando. Primeiro o que ele faz: incentiva aos jovens a fundarem um grupo, ele chegou em agosto, em março já tínhamos criado um grupo de jovens (...). (Zuleide Araújo)

Outra mudança ocorrida se deu pelo as mulheres. Em 1986, o Padre defendeu o direito ao trabalho de várias mães de famílias apoiando a criação da Associação Comunitária dos Trabalhadores Avulsos e Artesãos de Augusto Severo (ACTAS), que se tornou responsável por absorver toda a produção, vendendo-a em Natal e no mercado exterior como Holanda.

(...) Na época foi uma luta grande, a nível de diocese, nos movimentos, para que as mulheres fossem cadastradas nas emergências, só que aqui em campo grande não definiram pra onde essas mulheres iam e as colocaram pra trabalharem nas estradas. Teve até caso de crianças que saíram procurando a mãe, disseram que ela tava trabalhando nas estradas, foi atrás e se perderam. Então era muito complicado pra mulheres ficarem limpando as estradas. Ele colocou as mulheres para fazer outra coisa, capacitar essas mulheres, no lugar delas estarem no sol quente trabalhando em coisa pesada, elas ficassem nos centros comunitários em parceria com a comunidade. Quem soubesse crochê, ensinasse pra dar um impulso para que elas ficassem ganhando dinheiro depois. Ele mobilizou muitas pessoas, escolas, sindicato e prefeitura e marcaram uma audiência com o governador, na época era Geraldo Melo, até eu acho que na época a Secretária de Ação Social era Vilma e ele foi lá e deu essa posposta.

(...) Ele tinha muito preocupação com as mulheres, as mães de família. Nessa proposta de gerar renda, de ta gerando emprego, de ta capacitando, ele não media distância para ta capacitando jovens, agricultores (...). (Zuleide Araújo)

A criação da organização fez com que a renda da mulher fosse elevada, gerando uma verdadeira revolução em Campo Grande. Essa mudança contrastava não só na questão econômica, mas também na questão moral:

(...) Numa região com predominância de relações conservadoras alicerçadas no coronelismo e no machismo, as mulheres saíram das cozinhas, romperam a prisão do domínio econômico e livres passaram a se perguntar por que tantas desigualdades de gênero. (Caramuru Paiva)

Diante da luta de buscar uma formação política para a população da região, a percepção das ações e discursos de Padre Pedro não passou, como já foi dito, somente por um processo de apoio, a rejeição foi muito grande.

Como cada lugar social permite e interdita ao mesmo tempo este ou aquele discurso, esta ou aquela idéia-força. É normal que um grande proprietário de terra seja contra mudanças trazidas pela reforma agrária, já que qualquer mudança pode prejudicá-lo.

Mas também é normal que um produtor rural, com sonho de igualdade se identifique com o discurso e ações, já que essas práticas vem a suprir ou amedrontar os anseios e sonhos daquele imaginário e realidade.

Para Zuleide Araújo “Muitas beatas não entendiam”. Porém a grande maioria da rejeição se constituía no proprietários de terra, que se amedrontavam com o discurso do pároco:

(...) Nos sermões e nas reuniões quando ele se sentava com os fazendeiros ele deixava claro a posição dele. Ele dizia muito assim ‘vocês hoje estão plantando pra que seus filhos não possam sair na rua com sossego’ e hoje a gente ver isso, principalmente na zona rural, você não pode ter uma moto velha que você pode ser assaltado. Ele deixava bem claro ‘O que vocês estão fazendo hoje, concentrando a terra. Vocês vão gerar uma população sem perspectiva de vida que vai tirar dos seus filhos’ (...) ele ia celebrar a missa em tal canto, ai lá no sermão ele metia a língua. Depois do sermão eles chegavam perto e diziam “Pe. Pedro não é assim não”. Nos sermões dele sempre era enfatizando isso, que na oração é muito claro, que é orar e ação, que orar sem ação não serve de nada. Que amar a deus é amar o próximo, você não pode só amar a deus você tem que amar também ao próximo. Então ele sempre deixou isso bem claro e o pessoal não gostava (...). (Zuleide Araújo)

Estando a maioria das terras da região divididas em latifúndios, o discurso de formação política incomodou aos grandes e aos pequenos proprietários de terra:

(...) Aqui teve vários conflitos, teve o próprio atentado à vida dele, que foi por causa da terra, dó problema do bom futuro. Dona Heloisa entrou como posse de terra, já que naquelas terras tinham muita chelita, então ela não queria só as terras delas, queria as terras dos outros também e disse que as terras do Bom Futuro, Poço Redondo e São Paulo tudo era dela. O juiz deu favorável a ela, pra o oficial de justiça ir lá e colocar as pessoas que nasceram e se criaram lá pra fora. Tinha gente com 80 anos de idade que o pai já tinha nascido lá. Como a gente trabalhava também na serra de João do Vale e como Pe. Pedro também sempre celebrava missa no Poço Redondo e também tinha gente que participava da capacitação aqui. Então quando o juiz deu a integração de posse a ela, eles vinheram dizer a Pe. Pedro. Então ele foi pra imprensa e ligou pra o bispo e disse a situação qual era (...). (Zuleide Araújo)

Essa rejeição era fruto das primeiras mudanças ocorridas após a chegada do holandês. O primeiro movimento pela reforma agrária foi na Serra de João do Vale, porém o assentamento não deu certo. Outras tentativas foram feitas: 1) a ocupação de uma fazenda em no Município de Upanema, dando início ao assentamento Nova Vida; 2) ocupação em propriedade localizada no município de Campo Grande, sendo formado o Assentamento Ronaldo Valência; 3) assentamento Bom Futuro, também no município de Campo Grande.

Dessa forma, grande parte dos proprietários da região passaram a temer que suas terras fossem a próximas serem ocupadas. Assim, foram feitas várias denúncias com o intuito das autoridades coíberem as ações do pároco.

(...) Iam atrás do bispo pra ele colocar ele pra fora iam atrás da policia federal. Os políticos tinham raiva dele. Tinha um amigo de Pe. Pedro que era um dos chefes da policia federal em Natal e dizia que tinha um político que sempre ia pra Natal tentar cancelar o visto de Pe. Pedro. Então toda vida que ele ia pra Holanda de férias espalhavam um boato em Campo Grande: “Pe. Pedro não volta mais não”. Mas a sorte era que Pe. Pedro tinha muito amigo nesse meio (...). (Zuleide Araújo)

Uma vida de luta deve ser vista como um sucesso para dar sentido a auto-etima e identidade pessoal. Por outro lado, o discurso de negação deve procurar reunir esboços constantemente sobrecarregados pela desaprovação e pelo isolamento. (PORTELLI, 1993)

Assim, o grupo que resistia tentou de todos os meios deturpar a imagem que o pároco tinha criado:

(...) Pra denegrir a imagem de Pe. Pedro dizia que a gente era tudo mulher dele, que a gente vivia abortando dele, meus filhos eram tudo dele. Que Eulâmpia, Inês era também, e não era só eu, era um bocado de mulher que ele tinha. Que a gente vivia abortando. Diziam que todo filhos brancos nascidos em Campo Grande eram dele. Maria Faustino na época teve um filho, que é bem lourinho, os fazendeiros vinheram falar com ela pra ela depor e dizer que o menino era filho de Pe. Pedro. Pra denegrir a imagem de Pe. Pedro. E ela disse “com Pe. Pedro eu não faço isso não”. Que dizer, tinha todo esse contexto de perseguição, de querer denegrir a imagem dele porque ele era uma pessoa seria. Queriam colocar isso no jornal, pra ela dizer que era filho dele (...). (Zuleide Araújo)

Por diversos pontos da região foram postos protestos por aqueles que se sentiam incomodados pelas idéias de justiça e igualdade é fruto da visão da resistência ao ideal do pároco. Zuleide Araújo afirma que: “A gente era taxado comunistas. As pedras nas estradas eram pichadas ‘O padre é comunista’, ‘Agitador comunista’, a gente tem as fotos”.

Outro ponto importante pra entender a rejeição e pra conter o apoio foi pela perseguição:

(...) Teve atentado nas estradas contra Pe. Pedro, a gente ficava muito preocupado, ele era muito teimoso. (...). Eu tinha um emprego na prefeitura e fui colocada pra fora por causa disso. Eu trabalhava na TELERN, antes de me colocarem pra fora me colocaram pra Triunfo, me ameaçavam de ir pra serra. Me colocaram pra ensinar religião, pra biblioteca e depois pra TELERN novamente, pra depois me colocar pra fora. A minha família até hoje é vista como radicais (...). (Zuleide Araújo)

No entanto, mesmo diante de forte resistência todo o processo de formação política culminou com o apoio popular e com a “politização” de grande parte da população. Sendo importante, também, colocar a criação do Partido dos Trabalhadores de Campo grande:

(...) como a gente tinha o processo bem grande de formação política, a própria igreja capacitando sobre o que é política o que é politicagem, a gente tinha um processo de formação política mesmo que a gente chamava fé e política. Com isso, foi logo que tinha sido formado o PT a nível nacional. Aqui no estado já tinha sido constituído o PT, que era amigo da gente. A gente começou a conversar e tínhamos a visão que os espaços políticos partidários eram importantes de serem ocupados de formas diferentes. Então na época formamos o PT. Eu fui até a presidente de transição. Então era eu, Eulâmpia, Jacinta, Fatinha, Fona Dolores, Sr. Zé de nega da Cabeça do boi, Sr. Zé Maria, papai, mamãe, os meninos maiores lá de casa eram todos filiados e o pessoal que era ligado a igreja também foram filiados. Daí fundamos e já nas seguintes eleições começamos a participar, mas éramos muito radicais. Radicais até demais. Até hoje eu sou meio resistente. Já me liberei mais. Nós brigamos com o prefeito da época, o que estivesse na época (...).

Por fim, é importante também colocar os frutos mais recentes do grupo apoiador, que de alguma forma conquistou espaço. É de suma importância também analisar o sentimento atual desse grupo apoiador. Na fala final de Zuleide Araújo é Notado que o passado serve para justificar o presente, onde, a partir de suas memórias, sua vida de luta dá sentido. Querendo a entrevistada incentivar aqueles que não lutam por seus ideais:

(...) Eu dou graças a deus ter vivido. Foi muito bom pra mim. Eu fico assim triste quando vejo os jovens de hoje, tão inerte. Só querendo saber de beber, cair e levantar. Mas não é só aqui não. É em todo o Brasil, que depois de muitos ganhos, de muita luta. Com esse resultado, esse trabalho todo que Pe. Pedro desenvolveu, essa Influência da nossa formação política (...) Desse povo todo, mesmo disperso, temos uma atividade e um compromisso com a sociedade, onde quer que estejamos (...). Então a gente fundou a cooperativa, a maioria das pessoas que trabalhavam, que era agente pastoral foi quem compôs essa cooperativa, pra dar continuidade a esse trabalho de formação, capacitação, geração de renda e orientação profissional aos agricultores e agricultoras que era com quem a gente trabalhava mais. (...) Todo esse povo se junta e funda a Sertão Verde para garantir o espaço que já na igreja a gente não tinha, mas que era necessário para continuidade e ate hoje continua. Então as associações que já tinham sido formadas, até hoje nós temos 45 associações que se reúnem mensalmente no fórum das associações, onde se discute as políticas públicas que vem pra cá (...). É uma continuidade desse trabalho que Pe. Pedro iniciou e que a gente está dando continuidade hoje. Outros atores vao chegando e vai se dando esse norte tanto na questão política e cidadã. (...) Hoje a gente trabalha também muito mais na zona rural, já que estamos numa entidade que acompanha a agricultura familiar. Mas também a gente ta trabalhnado na zona

urbana com o projeto casa e cidadania. É uma proposta de construção de 100 casas. Hoje tem 40 feitas (...). (Zuleide Araújo)

Zuleide Araújo fala no presente com uma certa mágoa do passado. Para ela “como não tinha nenhum movimento em Campo Grande, como o povo era muito resistente. O pessoal não acreditava, não ia muito pra reunião. Antes era muito difícil, a gente pedia a Deus para ter 10 pessoas. (...) Hoje em campo grande rico ou pobre, fazendeiros ou não, gostam de Pe. Pedro. Mas nesse período era o comunista”. Assim, a entrevistada confirma que diante de forte mudança, a aceitação hoje se faz presente, no entanto bem mais que a resistência dos proprietários de terras, o grupo apoiador foi aquele que mais resistiu, para que hoje possa ser dado como “vencedor”. Mas qual o motivo dos oprimidos terem conquistado os resultados buscados?

Da mesma forma como no início, porque não buscamos no texto de Marx e Engels a resposta pelo sucesso dos ideais do padre? Talvez as ações do holandês tenham alguma ligação com o final do livro, no texto aludido. Os autores do “Manifesto do Partido Comunista” terminaram sua obra com um convite a União. A célebre frase “Proletários de todo mundo uni-vos”, foi relida e reescrita com as diferenciações e o contexto norterio-grandense.

Ao que se parece, ainda que nas entrelinhas, Padre Pedro disse: “Oprimidos de todo o oeste potiguar, juntem-se”. Assim, com certeza essa união entre os grupos oprimidos e a ajuda de Neefs é a explicação no sucesso das tentativas de mudanças que hoje, se não totalmente postas em prática, são amenizadoras nos problemas sociais na região.

CONCLUSÃO

Concluimos que mesmo diante de forte resistência, o trabalho exercido foi de suma importância na reestruturação e na mudança de imaginário da sociedade do oeste potiguar. Hoje a figura de Pe. Pedro se tornou presente na população da região e do Estado. Sendo ele um ícone nos movimentos sociais do campo. Sua importância é tamanha que o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em visita a cidade de Apodi, no ano de 2007, fez questão de manter contato com o ex-pároco, conversando sobre os problemas do sertão nordestino.

Da mesma forma como no início, porque não buscarmos no texto de Marx e Engels a resposta pelo sucesso dos ideais do padre? Talvez as ações do holandês tenham alguma ligação com o final do livro, no texto aludido. Os autores do “Manifesto do Partido Comunista” terminaram sua obra com um convite a União. A célebre frase “Proletários de todo mundo uni-vos”, foi relida e reescrita com as diferenciações e o contexto norterio-grandense.

Ao que se parece, ainda que nas entrelinhas, Padre Pedro disse: “Oprimidos de todo o oeste potiguar, juntem-se”. Assim, com certeza essa união entre os grupos oprimidos e a ajuda de Neefs é a explicação no sucesso das tentativas de mudanças que hoje, se não totalmente postas em prática, são amenizadoras nos problemas sociais na região.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.

ANDRADE, Ilza Araújo Leão de (org). *Igreja e Poder no RN*. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

BOFF, Leonardo. *O Caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. *Memória: Leituras de M. Halbwachs e P. Nora*. In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. São Paulo: Anpuh/Marco Zero. set. 1992/ago. 1993.

GERMANO, José Willington. Lendo e aprendendo: “A Campanha de Pé no Chão”. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.

GODOI, Emília Pietrafesa de. *O Trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

KARL, Marx, ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Rio de Janeiro: Contra-ponto, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 6 ed. São Paulo: Contexto. 2007.

PORTELLI, Alessandro. *Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. In: PROJETO HISTÓRIA (História e Cultura): Revista do Programa de

Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: PUC. n. 10, dez, 1993.

DOCUMENTÁRIOS:

Academia Apodiense de Letras. *Pedro a Rocha do Oeste*. Produção: Jotta Paiva. Apodi: Jotta Paiva Produções, 2007. DVD (35 min).

SITES CONSULTADOS:

<http://www.campograndern.blogspot.com/>

<http://www.cgnews.zip.net>

<http://www.blogdocaramuru.blogspot.com/>